



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 11, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 11 - PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO. ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.11.06>

Recebido em: **30/08/2020**

Aprovado em: **02/09/2020**

O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS NO TEA; THE ROLE OF PARENTS IN THE DEVELOPMENT OF CHILDREN IN TEA; EL PAPEL DE LOS PADRES EN EL DESARROLLO DE LOS NIÑOS EN TEA

ELYZAYARA MARCELLY LISBOA FLORENTINO

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-9354-8985](https://orcid.org/0000-0002-9354-8985)

RESUMO

O presente artigo, tem como objetivo pesquisar o papel da parceria dos pais no desenvolvimento da criança no Transtorno do Espectro Autista (TEA), levantando a hipótese de que pais participativos ajudam no desenvolvimento dessas crianças. Foi feito um levantamento, caracterizado pela coleta de dados de forma padronizada de um grupo específico, sendo utilizados questionários de autopreenchimento. Participaram da pesquisa pais de crianças dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA) que apresentam um comportamento mais participativo em intervenções voltadas para o desenvolvimento de seus filhos. Nesse sentido, buscou-se investigar quais os impactos da participação desses pais no desenvolvimento dessas crianças no TEA.

Palavras-chave: autismo. pais. família. intervenção. desenvolvimento.

ABSTRACT

This article aims to research about the importance of parental partnership in the children development in Autistic Spectrum Disorder (ASD), raising the hypothesis that participatory parents help in the development of these children. A survey was carried out, characterized by the standardized data collection of a specific group, using self-administered questionnaires. The participants were parents of children within the Autistic Spectrum Disorder (ASD) that present a more participatory behavior interventions aimed to the development of their children. In this sense, it was investigated the impacts of these parents' participation in the development of these children in TEA.

Keywords: autism. parents. family. intervention. development.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar el papel de la asociación de los padres en el desarrollo del niño en el trastorno del espectro autista (TEA), planteando la hipótesis de que los padres participativos ayudan en el desarrollo de estos niños. Se realizó una encuesta, caracterizada por la recolección de datos de forma estandarizada de un grupo específico, mediante cuestionarios autoadministrados. En la investigación participaron padres de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) que tienen un comportamiento más participativo en las intervenciones dirigidas al desarrollo de sus hijos. En este sentido, buscamos investigar los impactos de la participación de estos padres en el desarrollo de estos niños en TEA.

Palavras clave: autismo. padres. familia. intervención. desarrollo.

INTRODUÇÃO

A pesquisa, a partir de tal perspectiva, leva a reflexão sobre as práticas que vêm sendo tomadas em relação as intervenções de crianças no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), a ajuda da família não deve se restringir apenas nos acompanhamentos dos consultórios e na escola, pois como essa família acompanha as crianças em maior parte do tempo, seria de suma importância preparar essa família para um ensino contínuo das intervenções praticadas pelo profissionais que acompanham a criança. Diante das pesquisas realizadas por Ivar Lovaas, percebe-se a importância de várias horas de intervenção, e isso só seria possível se estendessem os atendimentos à prática familiar (LOVAAS,1987). Fazer o saber chegar a essa família, faz com que se crie independência e auto confiança, ajudando, assim, as crianças no TEA a terem um desenvolvimento contínuo e satisfatório. É importante destacar esse tema, pois, leva a reflexão sobre as práticas atuais adotadas na maioria dos consultórios, onde se observa os profissionais como detentores do saber, e família despreparada para lidar com essas crianças.

Além disso, tal pesquisa se mostra relevante diante do aumento dos diagnósticos de pessoas dentro espectro do autismo. Segundo Teixeira (2016), em estudos realizados nos Estados Unidos, constatou-se a incidência de 1 criança a cada 68 dentro do espectro. Diante dessa realidade, pesquisas que busquem investigar formas de melhorar a qualidade de vida dessa parcela da população se mostram extremamente relevantes.

Sendo assim, entender a importância da participação desses pais e de um compartilhamento do saber com essas famílias, por profissionais e estudiosos, é fundamental para o acompanhamento adequado dessas crianças com TEA. Acredita-se que gerando o treinamento adequado dos cuidadores, faz com que eles se tornem participativos, o que por sua vez, contribuiria para o desenvolvimento e aprendizado dessas crianças.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é investigar a influência no desenvolvimento de uma criança no TEA, quando há a participação dos pais nas intervenções. Para tanto, a problemática que impulsionou essa pesquisa, nasceu de uma questão principal e norteadora: *quais os impactos no desenvolvimento da criança com TEA quando há a participação dos pais nas intervenções?*

O TEA E SUA HISTÓRIA

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição, de acordo com o DSM-V caracterizada por déficit na comunicação social e comportamento. Além disso, quando se fala em autismo é importante destacar que ele é um espectro e por isso existem variações, por isso se utiliza o termo “espectro”, já que existem vários níveis de comprometimento.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) foi descrito em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner, que publicou a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, descrevendo 11 casos de crianças com “um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação das mesmices”. Ele usa o termo “autismo infantil precoce”, pois os sintomas já eram evidentes na primeira infância de maneira inata, e observa que essas crianças apresentavam maneirismos motores e aspectos não usuais na comunicação, como a inversão de pronomes e a tendência ao eco (BOSA e CALLIAS, 2000).

No ano seguinte em 1944, Hans Asperger escreve “A psicopatia autista na infância”, nesse artigo ele apresenta a prevalência do autismo em meninos, que apresentariam pouca empatia, dificuldade de interação e a presença de interesses restritos e dificuldades na coordenação-motora. As crianças são chamadas de pequenos professores, devido à habilidade de discorrer sobre um tema detalhadamente. Como seu trabalho foi publicado em alemão na época da guerra, o relato recebeu pouca atenção e, só em 1980, foi reconhecido como um pioneiro no segmento (SILVA ET AL, 2019).

Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria lançou a edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais DSM-1. A partir daí, esta se tornou referência. O DSM apresenta nomenclaturas e critérios para o diagnóstico dos transtornos mentais. Em relação ao autismo, nessa edição, os sintomas de autismo eram classificados como um subgrupo da esquizofrenia infantil (ALVARENGA,2009).

Durante muito tempo existiu confusão sobre a origem do autismo, e o que se acreditava era que ele seria causado por pais frios e distantes, sendo apresentada a hipótese da “mãe geladeira” formulada por Leo Kanner. A partir dos anos 60, o autismo foi considerado um transtorno cerebral presente desde a infância. Mais tarde Leo Kanner tentou se retratar e sua teoria foi considerada infundada. (SILVA ET AL,2012)

O aumento das produções científicas sobre o autismo influenciou a elaboração do *DSM - III em 1980*. Nesta edição do manual, o autismo é reconhecido pela primeira vez como uma condição específica e colocado em uma nova classe, a dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Este termo reflete o fato de que múltiplas áreas de funcionamento do cérebro são afetadas pelo autismo e pelas condições a ele relacionadas (CAMPOS, 1999).

A psiquiatra Lorna Wing chamou a atenção para o autismo como um espectro e criou o termo Síndrome de Asperger, em referência à Hans Asperger. Ela trouxe contribuições importantes como pesquisadora e com sua visão de mãe, ela também falou da importância da compreensão do autismo e de serviços de apoio para os indivíduos com TEA e suas famílias. Fundou a National Autistic Society, juntamente com Judith Gold, e o Centro Lorna Wing (FACION, 2005).

No ano de 2013 o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V)* que passa a elencar as subcategorias do autismo em um único diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os indivíduos são agora diagnosticados em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. A Síndrome de Asperger não é mais considerada uma condição separada e o diagnóstico para autismo passam a ser definido por dois critérios: as deficiências sociais e de comunicação e a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados.

De acordo com DSM-V, pessoas dentro do espectro apresentariam dificuldade para desenvolver e estabelecer relações sociais, além de compartilhar brincadeiras ou estabelecer amizades, a ausência de interesse por pares. Apresentariam padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos, insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal, interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais.

O maior estudo já realizado em relação ao autismo, foi publicado em 2014 por Sandin e colaboradores. Esse estudo aborda as causas do autismo. Ele revelou que os fatores ambientais influenciariam tanto quanto a genética no desenvolvimento do transtorno. Isto foi ao encontro de outras pesquisas que atribuíam à genética grande parte do risco do desenvolvimento de TEA. Foram acompanhadas mais de 2 milhões de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006, sendo levado em conta fatores, como complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez.

Em relação aos direitos conquistados, no Brasil foi sancionada, em 2012 a Lei Berenice Piana (12.764/12), que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Este foi um marco legal relevante para garantir direitos as pessoas no TEA. A legislação determina o acesso a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde; à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (13.145/15) em 2015 cria o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que aumenta a proteção aos portadores de TEA ao definir a pessoa com deficiência como “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial”.

Mais recentemente o presidente da República, Jair Bolsonaro, sancionou a Lei 13.861/19, que obriga o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a inserir no Censo 2020 perguntas sobre o autismo. Com isso, será possível saber quantas pessoas no Brasil apresentam esse transtorno e como elas estão distribuídas pelo território.

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO TEA.

A intervenção deve ser feita na clínica, na casa e na escola da criança. Todas as pessoas do convívio precisam ser orientadas. São necessárias muitas horas de intervenção. A estimulação ideal para o autismo é de 15 a 40 horas semanais, para isso ocorrer, os pais devem ser orientados por profissionais especializados e dão continuidade aos estímulos em casa. (Gaiato, 2018). O primeiro contato das crianças com TEA é com os pais, desde momento do seu nascimento. Elas estão emocionalmente ligadas aos pais e a outros membros da família, mas podem demonstrá-lo de forma diferente das outras crianças, pois têm dificuldade em falar e em usar os gestos e as expressões faciais para comunicar as suas necessidades e desejos aos pais. Geralmente é preciso ensiná-las pois podem não imitar os outros por iniciativa própria, ao usar gestos como o apontar, mas podem ser ensinadas a fazê-lo, o que lhes abre a porta para aprenderem sobre os outros.

Devido à convivência diária, envolvendo diferentes contextos e ocasiões, reconhece-se que, na maioria das vezes, são os pais, e não os profissionais, os primeiros a suspeitarem de problemas no desenvolvimento da criança. Coonrod e Stone (2004) destacam que as preocupações iniciais dos cuidadores são, geralmente, acuradas e legítimas. Sendo assim, a realização de entrevista com os pais é uma importante fonte de informação quando se pretende realizar o diagnóstico ou pesquisas, envolvendo crianças com TEA (Lord, Storoschuk, Rutter & Pickles, 1993), ainda que haja limitações nesse procedimento. Entre os obstáculos, destacam-se os vieses e o desconhecimento por parte dos pais dos aspectos do desenvolvimento que são esperados para uma determinada idade. Este último aspecto, por si só, aponta para a necessidade de estudos e de divulgação dos seus resultados, para além da comunidade científica. (ZANON, BACKES E BOSA 2014)

Levando em conta que a democratização do saber, pode nos ajudar nos diagnósticos precoces, e cada vez mais salientar a importância da participação dos pais na continuidade dos programas de estímulos para crianças no TEA, pois maior parte de sua vida esses indivíduos passa em casa, seu primeiro contato é no âmbito familiar. Indicar aos pais o lugar de um saber sobre a criança implica não só em manejos normais, mas direcionados de maneira sistemática e organizada.

Uma intervenção comportamental intensiva e precoce conduz a melhores resultados cognitivos e de linguagem se os pais aprendessem a utilizar em casa estratégias de intervenção precoce semelhantes às que os terapeutas usavam na terapia isso aumentaria o tempo de estímulos direcionados. Isto faz todo o sentido. Os pais conhecem os seus filhos melhor do que ninguém; sentem-se altamente motivados para os ajudar; e passam mais tempo com eles do que qualquer outra pessoa os esforços iniciais dos genitores podem ajudar a criança no TEA em ações específicas, para além das horas em que os filhos recebem outras intervenções. Isto deverá ajudar essas crianças a aprenderem mais.

Ultimamente, as pesquisas começaram a debruçar-se em maior profundidade nos efeitos das intervenções aplicadas pelos pais. Vários estudos mostraram

que as intervenções aplicadas pelos pais podem aumentar as competências de comunicação e brincadeira das crianças, a quantidade de sucesso e diversão que tanto os pais como as crianças têm ao interagirem uns com os outros. Quando os pais aprendem a usar as técnicas de intervenção em casa, as crianças pequenas com autismo têm mais probabilidades em recordar-se e usar as competências que foram ensinadas pelos professores ou terapeutas. Além disso, os pais que utilizam as estratégias de intervenção dizem sentir-se mais felizes, menos ansiosos e mais otimistas e capacitados. Os pais não podem ficar dependentes dos terapeutas, e as crianças também não. (ROGERS, DAWSON E VISMARA, 2015)

Os pais podem aprender a usar estratégias de intervenção com os filhos. Eles podem dominar as técnicas tão bem como os terapeutas, se foram instruídos da forma correta. As crianças com autismo tendem a passar mais tempo com foco nos objetos do que nas outras pessoas. Isto limita as suas oportunidades para a aprendizagem e comunicação social. Os pais podem ajudar os seus filhos com autismo atraindo a atenção deles para as oportunidades de aprendizagem importantes exagerando as suas ações e fala e fornecendo-lhes brinquedos apropriados. Isto ajuda a ter muitas oportunidades de aprendizagem.

A intervenção precoce em crianças pequenas com autismo pode melhorar a capacidade de aprendizagem, de brincadeiras, de comunicação e sociais. Pode também ajudar com os problemas de comportamento, tais como birras e agressão. As crianças cujos pais utilizam estratégias de intervenção em casa tendem a reter as competências aprendidas. Quando os pais utilizam estratégias de intervenção em casa, isto reforça a aprendizagem das crianças em outros programas de intervenção, de modo a que consigam recordar-se das competências que aprenderam e usá-las em diferentes situações.

As intervenções aplicadas pelos pais podem ajudar as crianças, além fazer com que estas se sintam mais felizes e mais otimistas. Quando os pais aprendem a utilizar as estratégias de intervenção se sentem mais capazes e mais satisfeitos. As intervenções destinadas a serem aplicadas pelos pais não requerem equipamento especial e horas de "ensino" especial passadas a trabalhar com a criança. Os materiais necessários para aplicar as intervenções em casa são brinquedos simples e outros materiais de brincadeira. As estratégias podem ser usadas durante as atividades diárias, tais como a hora do banho, as refeições e os momentos de brincadeira dentro e fora de casa. A maioria das intervenções destinadas aos pais realça a importância das emoções positivas e de uma relação feliz entre os pais e os filhos para promover a aprendizagem (ROGERS, 2015).

RELAÇÕES FAMÍLIA E ESCOLA PARA UM DESENVOLVIMENTO SATISFÁTORIO DA CRIANÇA NO TEA

Para Kupfer (2001) o tratamento e educação nasceram juntos para cuidar das crianças com problemas graves e enlaçam-se novamente para cuidar dos fracassados escolares, já que a criança moderna é por definição escolar. Apresenta a proposta de uma aproximação possível entre psicanálise e educação, a Educação Terapêutica, para o tratamento de crianças com graves problemas no desenvolvimento, definindo-a como:

[...] um tipo de intervenção junto a crianças com problemas de desenvolvimento – psicóticas, crianças com traços autistas, pós-autistas e crianças com problemas orgânicos associados a falhas na constituição subjetiva, é um conjunto de práticas interdisciplinares de tratamento, com especial ênfase nas práticas educacionais, que visa à retomada do desenvolvimento global da criança ou à retomada da estruturação psíquica interrompida pela eclosão da psicose infantil ou, ainda, à sustentação do

mínimo de sujeito que uma criança possa ter construído. (KUPFER, 2001, 84)

Para atingir a quantidade de hora de intervenção que uma criança no TEA precisa, a escola precisa usar esse tempo que a criança fica lá, que é enorme, geralmente no mínimo quatro horas por dia, para estimular adequadamente as crianças com TEA. (GAIATO, 2018). Nesta perspectiva, a escola é convocada a dar sua contribuição, ao cumprir seu papel educador estaria produzindo um efeito terapêutico para a criança com autismo, privilegiando-se de um espaço de apoio interdisciplinar, à escola e à família, reforçando a necessidade de atendimentos conjuntos. O envolvimento dos pais e professores/escola como parceiros frente à educação das crianças é fundamental para garantir a adaptação e aprendizagem dos estudantes as necessidades de cada criança incentiva a criação de novas estratégias de intervenção diferentes para cada caso.

A visão psicológica aborda as relações vividas em família e as implicações no processo socialização das crianças. Nesse sentido, a escola apresenta o papel de educar as famílias, passando informações sobre o desenvolvimento e educação, buscando uma integração mais efetiva entre eles e os responsáveis pela criança. O conhecimento e compreensão sobre os alunos, capacidade de comunicação e adaptação de estratégias didáticas, aumenta a eficácia do trabalho pedagógico. Com essa parceria possibilita uma comunicação mais efetiva, e uma orientação maior por meio da família, além dos profissionais que acompanham a criança, fazendo essa ponte no que diz respeito à aprendizagem. (LAGO, 2007)

METODOLOGIA

No presente estudo, o delineamento usado foi do tipo levantamento, caracterizado pela coleta de dados, de forma padronizada e de um grupo específico, por meio de questionários semiestruturados. Foram questionários anônimos de autopreenchimento, fornecendo dados mais confiáveis. (BREAKWELL *et al*, 2010)

Participaram da pesquisa pais de crianças dentro do Transtorno do Espectro Autista que apresentam um comportamento mais participativo em intervenções voltadas para o desenvolvimento de seus filhos. Antes de selecionar os participantes, foi analisado se eles se encaixavam no perfil desejado para a pesquisa, sendo realizada uma entrevista prévia. O instrumento utilizado foi um questionário contendo doze perguntas. No questionário havia também questões que buscavam conhecer características de cada participante, abordando gênero, idade e escolarização. Pretendia-se com este instrumento conhecer a realidade de intervenção que esses pais realizam com seus filhos e suas percepções em relação a efetividade de suas ações no desenvolvimento das crianças.

Para a realização da coleta de dados, os questionários foram enviados para os participantes via e-mail. Os participantes foram informados da garantia do anonimato ao responderem o questionário, sendo esclarecido sua participação voluntária e que poderiam desistir em qualquer tempo. Além disso, foi apresentado a eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que estes assinaram.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para análise dos dados coletados foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2006) para uma abordagem qualitativa. Após a coleta de dados, o conteúdo foi colocado em categorias específicas. A partir das entrevistas foram elencadas duas categorias que são: apoio profissional e papel da família no desenvolvimento.

APOIO PROFISSIONAL

O observou-se, na fala das mães, a percepção da importância da comunicação entre os terapeutas, a fim de passarem técnicas que possam ser aplicadas por eles mesmos em casa. No entanto, foi apontado por uma delas a dificuldade dessa troca por parte de alguns profissionais, que não se preocupavam com o “além do consultório”.

As pesquisas sobre o assunto apontam para importância dos pais como aplicadores de terapia, auxiliando na comportamentos-problema e aumentando os ganhos das crianças. Segundo Sei *et al* (2008), esse tipo de interação conjunta, sendo realizada a orientação dos pais, e assim possibilitando uma integração entre o que é realizado no consultório e em casa.

Se faz importante destacar, que pais sem acesso a instruções de profissionais também podem ajudar seus filhos e isso também foi visto nas colocações das mães. Elas demonstraram esforço e empenho buscando informações em cursos, leituras e formações. Essa busca por informação também acaba impactando diretamente na forma como os pais interagem com o filho e buscam auxiliá-lo a se desenvolver e aprender.

Holland (1978), também traz a importância da participação dos pais nos ensinamentos e consequente desenvolvimento. Ele afirma que os pais e aqueles que cercam a criança, ou seja, a família como um todo, deve pensar em formas de reforçar o que é ensinado e trabalhado nas terapias. Caso contrário, o aprendizado adquirido no consultório não será ampliado para outros lugares e funções.

PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO

A família tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança. A participação ativa dos pais na vida dos filhos influencia no processo de aprendizagem. Quando há o acompanhamento das atividades realizadas com as crianças é possível entender como essas aprendem, e assim pensar em maneiras de auxiliá-las.

Dessa forma, segundo Sigolo (2004), a família é o primeiro espaço no qual há troca de experiências que influenciam no desenvolvimento do indivíduo. Esse espaço teria a função de mediar a criança e a sociedade, influenciando nas interações, comportamentos, linguagem, entre outras habilidades, que se apresentam comprometidas no TEA.

Nesse sentido, o que se observou nos questionários respondidos pelas mães foi uma participação ativa que tem influenciado diretamente no desenvolvimento dessas crianças. Pode-se observar que três mães fizeram ou fazem cursos sobre a temática, elas também apresentam um planejamento na realização das atividades. Todas as quatro conseguem aplicar atividades, mesmo que não seja de forma ordenada e planejada, e todas perceberam avanços no desenvolvimento de seus filhos, acreditam na importância da família no ambiente de terapias e que assim conseguiriam ajudar seus filhos de forma afetiva, apesar de apenas duas terem reuniões ou orientações mais efetivas com os profissionais que acompanham seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do exposto, percebe-se a relevância da participação da família nas atividades com as crianças no TEA. Essa participação tem grande influência no desenvolvimento dessas crianças, pois permite a esses pais entenderem melhor as dificuldades de seus filhos e assim auxiliá-los. Sendo assim, isso levaria as famílias a identificarem formas de intervir no desenvolvimento de seus filhos.

Nesse sentido, quanto maior for a parceria entre família e profissionais, mais positivos serão os resultados no desenvolvimento das crianças, pois o acompanhamento unilateral, ou seja, apenas com os profissionais, não é suficiente para promover grande impacto no desenvolvimento, mas a colaboração da família faz toda a diferença. Se faz necessário um esforço conjunto para melhorar a relação entre profissionais e família, já que estes fazem parte do cotidiano dessas crianças. Sendo

assim, com base na pesquisa, ficou evidente que a participação desses responsáveis, e a colaboração dos profissionais, em transmitir algum conhecimento, tem impacto direto na vida dessas crianças, gerando mudanças e trazendo benefícios para a aprendizagem e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

1. ALVARENGA, M. A. S.; MENDOZA, C. E. F.; GONTIJO, D, F. Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade antisocial J. bras. psiquiatr. vol.58 no.4 Rio de Janeiro, 2009
1. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM 5. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.
1. BOSA, C; CALLIAS, M. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. *Psicol. Reflex. Crit.* V. 13 n. 1 Porto Alegre, 2000.
1. BREACKWELL, G. M., FIFE-SCHAW, C. HAMMOND, S. SMITH, J. A. Métodos de pesquisa em psicologia. Porto Alegre; Atmed; 3d; 503.2010
1. CAMPOS, M. C. R. Das psicoses da infância aos transtornos globais do desenvolvimento (TGD). *Infanto - Revista Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, v. 7(1), p. 8-41, 1999
1. CAMARA LEGISLATIVA, Lei que inclui dados sobre o autismo no censo 2020. Lei 13.861/19; <https://www.camara.leg.br/noticias/562740-sancionada-lei-que-inclui-dados-sobre-autismo-no-censo-2020/> acesso em 17/06/2020 às 20:09
1. FACION, J. R. Transtornos invasivos do desenvolvimento e transtornos de comportamento disruptivo. Curitiba: IBPEX, 2005.
1. FERNANDES, F. R. O que é Autismo? Marcos históricos, Autismo e Realidade <https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/> acesso em: 17/06/2020 às 19:04
1. GAIATO, S. O. S. AUTISMO .01. ed. São Paulo. Editora nVersos, 256p. 2018.
1. HOLLAND, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11, 163-174.
1. LAGO, M. AUTISMO NA ESCOLA: AÇÃO E REFLEXÃO DO PROFESSOR, Porto Alegre, 175p.2007
1. MOSCHINI, R. SCHMIDT, C. Relações entre Família, Escola e a inclusão de pessoas com autismo, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil 15p.2012
1. MOSCHINI, R. SCHMIDT, C. Consideração acerca da esquizofrenia e transtornos globais do desenvolvimento na infância, Santa Catarina. P11.2012.
1. PIGNATARI, G. /CDC divulga novos números de autismo nos EUA: 1 para 59 Tismoo, <https://tismoo.us/destaques/cdc-divulga-novos-numeros-de-autismo-nos-eua-1-para-59/> 6 de agosto de 2018 acesso em : 17/06/2020 às 19:52
1. ROGERS, S. J; DWSON, G. VISMARA, L. A. Autismo: Compreender e agir em família.; trad. Ana Nereu Reis. - Lisboa: Lidel, 324p. 2015.
1. SANDIN, S. LICHTENSTEIN, P. KUJA-HALKOLA, R. LARSSON, H. HULTMAN, C. M. REICHENBERG, A. The familial risk of autism. *JAMA*. 2014;311(7):1770-7.
1. SEI, M. B. SOUZA, C. G. P. ARRUDA, S. L. S. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil. Vínculo: *Revista do NESME*. 2008;2(5):101-219.
1. SIGOLO, S. R. R. L. (2004). Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar. In E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.). *Temas em Educação Especial: avanços recentes* (pp.189-195). São Carlos: Edufscar.
1. SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. Mundo singular: entenda o autismo. Fontanar, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
1. SILVA, F. L.; FRANÇA, A. P; SOBRAL, M. S. C. Educação Inclusiva: O Autismo e os Desafios na Contemporaneidade. Id online *Rev.Mult. Psic*, vol.13, n.48, p. 748-762. Dezembro/2019
1. TEIXEIRA, G. Manual do Autismo. Guia dos Pais Para o Tratamento Completo. 1 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 96p. 2016.
1. ZANON, R. B; BACKES, B; BOSA, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2014, vol.30, n.1, pp.25-33. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004>.

*Graduada em Pedagogia e Pós- Graduada em Análise do comportamento aplicada ao autismo (ABA). E-mail: ely_zayra@hotmail.com